

# O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA FERRAMENTA CIDADE INTERATIVA<sup>1</sup>

Adriana Simeone

Roberto Segre

José Ripper Kós

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Programa de Pós-Graduação em Urbanismo

Rua Silveira Martins, 146/403 – Flamengo – 222221-000 – RJ

asimeone@ufrj.br

## Abstract

*This paper exposes site “Cidade Interativa” development process, based on: a reflection about importance of users’ points of view’s incorporation for space remodelling; a study about theoretical and practical experiences which, in different ways, approached potentialities of participation of a community’s members in a project; and, finally, a investigation of propagation alternatives of individual readings as information source for urban project, trying to enhance points of view that generally remain occult in the form of invisible practices of anonymous users. This site must be understood as concretion of an idea: creating a vehicle from which is possible to become individual readings public, so that these are shared and, also, make them available to people responsible for urban projects as information source.*

## 1. Introdução

O site Cidade Interativa representa o objeto principal da dissertação “Cidade Interativa: uma alternativa de inclusão do usuário no processo de projeto urbano”, realizada durante o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A idéia de desenvolver essa ferramenta<sup>2</sup> surgiu do desejo de investigar, coleccionar e propor uma organização para o conhecimento adquirido por uma comunidade através da vivência de um determinado espaço da cidade, partindo da premissa de que o vasto e diverso material recolhido junto aos usuários<sup>3</sup> pode constituir uma fonte interessante para os projetos que venham a ser elaborados para uma área específica.

O processo de desenvolvimento da ferramenta deu-se a partir de três eixos interligados.

O primeiro deles diz respeito ao estudo de algumas iniciativas que, principalmente a partir dos anos 60, desenvolveram meto-

dologias que estimulam algum tipo de interferência ou participação dos usuários na construção do espaço urbano em que vivem, seja na etapa anterior ao projeto urbano propriamente dito, seja no seu desenrolar.

O segundo explora as relações entre imagem e imaginário urbano, procurando demonstrar a importância de se levar em conta os aspectos subjetivos dos pontos de vista dos usuários como fonte de informação sobre a cidade.

O terceiro eixo diz respeito ao projeto do site *Cidade Interativa*, e da construção de seu protótipo, que utiliza como estudo de caso o espaço da Cinelândia, no Rio de Janeiro.

## 2. Participação e projeto urbano

A preocupação com a participação dos usuários nos projetos arquitetônicos e na gestão urbana acirrou-se na década de 1960<sup>4</sup>, período marcado por grandes transformações no modo de ver, pensar e agir sobre a cidade.

1 Uma versão ampliada deste artigo será publicada nos Anais do VIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, realizado entre os dias 9 e 12 de novembro de 2004, em Niterói, Rio de Janeiro.

2 Quando, ao longo do estudo, refiro-me ao site Cidade Interativa utilizando o vocábulo “ferramenta”, muitas vezes trato de sua potencialidade enquanto “instrumento” de disponibilização das leituras individuais, que independeria do veículo escolhido. Como, no caso, o veículo escolhido foi a internet, quando me refiro ao site ou à ferramenta estou tratando do mesmo dispositivo.

3 Quando tratarmos de “usuários” ao longo do texto, estaremos restritos especificamente ao uso realizado pelos habitantes de uma determinada cidade, isto é, àqueles que estabelecem com um espaço urbano específico um vínculo de pertencimento ao longo de um determinado tempo, caracterizando-se como cidadãos. Isso se justifica pelo fato de a pesquisa ter seu foco na demonstração da importância da participação cidadã para a elaboração de um projeto urbano identificado com a comunidade no qual se insere. Não pretendemos com isso desconsiderar a importância de uma análise comparativa entre a percepção dos que habitam e dos que visitam um espaço, temática bastante explorada por alguns estudos. É importante deixar claro também que não estamos nos referindo exclusivamente aos moradores de uma área da cidade, mas sim a quem usa aquele espaço continuamente. Nosso próprio estudo de caso diz respeito à Cinelândia, uma área caracterizada prioritariamente pelo uso relacionado ao trabalho.

4 Vale lembrar que esse período é, de um modo geral, um período de inquietações, marcado, em todo mundo, por questionamentos à ordem social e cultural, pela reivindicação de espaço para as “minorias culturais”, pelas manifestações revolucionárias e pelos movimentos “contracultura”, que têm seu ápice na manifestação estudantil de 1968.

Baseadas nos fracassos das experiências modernistas difundidas principalmente no período do pós-guerra, muitas foram as críticas feitas a Le Corbusier e ao Movimento Moderno e todas as suas premissas. Um grande número de intelectuais, tanto norte-americanos como europeus, envolveram-se em campanhas de conscientização que, juntamente com a mobilização da comunidade acadêmica e com o apoio da imprensa, geraram as condições necessárias para as mudanças ideológicas ocorridas desde então, principalmente nos países desenvolvidos.

Apesar de, em um primeiro momento, as discussões terem se concentrado nas críticas ao modelo moderno, aos poucos, foram gerando reflexões mais amplas a respeito da questão da participação em projetos urbanos, que deram origem a uma série de proposições baseadas em novos valores.

Essas proposições visavam questionar a posição do arquiteto e urbanista a serviço de um grupo, procurando deslocá-lo, na medida do possível, para uma posição mais comprometida com a comunidade no qual o projeto se insere. Em lugar de procurar uma solução ideal para contemplar a todos, as novas propostas vão se dedicar a desenvolver formas para atender à diversidade e à complexidade do espaço urbano, sempre que possível, partindo da parceria com os próprios usuários.

Sob essa nova perspectiva, a postura exigida de quem projeta prevê uma conciliação com a comunidade através da aproximação, enxergando nela a possibilidade de uma complementação do conhecimento de arquitetos e urbanistas sobre a cidade e direcionando a vocação destes não só para a condução dos projetos, mas também para a mediação da relação entre a comunidade e o poder público. Poderíamos imaginá-lo então, metaforicamente, como uma ponte ou canal de comunicação entre essas duas instâncias, retomando de certa forma o papel de coordenador de projetos sugerido por ARGAN<sup>5</sup> [1] e reafirmando sua importância nesse processo de negociação.

### 3. A veiculação do imaginário através da ferramenta

A especulação sobre a possibilidade de viabilização de uma forma de participação através da exploração das interpretações individuais sobre a cidade conduziu-nos à exploração de duas experiências significativas, que, embora tenham sido contemporâneas, deram-se de formas bastante distintas: por um lado, o trabalho desenvolvido por Kevin LYNCH [2] em *A Imagem da Cidade*, publicado pela primeira vez em 1960, que tinha como objetivo compor a partir das entrevistas com usuários e da sobreposição de “mapas mentais”, uma imagem consensual de uma determinada cidade, e, por outro, a iniciativa dos integrantes do Movimento Situacionista Internacional, ocorrido nos anos 50-60, que via na produção de mapas afetivos a possibilidade de registrar um processo de interação dos indivíduos com a cidade.

A partir do contato com esses trabalhos, foi possível compreender a diferença entre os conceitos de imagem da cidade e imaginário urbano, e entender que a relação entre essas duas instâncias se dá de maneira cíclica: a imagem alimenta o imaginário, este influencia a imagem e assim sucessivamente.

Através do estudo, verificamos que o processo de atribuição de significados e valores ao espaço onde se vive acontece espontaneamente, isto é, cada indivíduo recria para si mesmo uma cidade particular, fundamentada naquela compartilhada coletivamente. No entanto, enquanto esse processo, muitas vezes inconsciente, não ganha forma através de algum tipo de representação, parece dizer respeito a uma única pessoa, ocultando sua importância para a coletividade.

Por outro lado, quando as leituras individuais são de alguma forma representadas, como acontece nas manifestações artísticas sobre a cidade, como é o caso de pinturas, textos, instalações etc inspirados na temática urbana, a interpretação inicialmente particular de um determinado usuário torna-se pública, e a partir do distanciamento proporcionado pela representação, torna-se objeto de possível reflexão e de latente conhecimento sobre a cidade.

É por essa razão que acreditamos que a consideração das versões da cidade elaboradas pelos usuários e, mais que isso, o estímulo para que essas versões tornem-se públicas, podem revelá-las como importantes fragmentos constitutivos de um conhecimento mais amplo sobre a cidade, o imaginário urbano, que, mais do que nunca, precisa ser recuperado para alimentar intervenções urbanas que se identifiquem com a comunidade na qual se inserem.

A alternativa que propomos a partir da ferramenta Cidade Interativa, através da concentração, sistematização e disponibilização das leituras individuais em um site, procura tornar público o que foi mencionado em entrevistas realizadas. A análise desse material nos coloca em contato com aspectos do imaginário urbano sobre o trecho de cidade abordado e a publicação deste conteúdo no site parece revelá-los para os usuários finais, os urbanistas, desvendando pistas que podem ser importantes para uma intervenção naquela área.

### 4. A ferramenta *Cidade Interativa* como proposta metodológica

Através da ferramenta idealizada, a participação dos usuários se dá em uma etapa anterior à do projeto, num procedimento que procura compreender a realidade do local a partir de diversos pontos de vista, que apontam problemas e insinuam desejos variados. Muito embora esse procedimento seja bastante trabalhoso, já que visa contemplar as versões particulares de

5 ARGAN (p.236) propõe aos urbanistas um papel conciliador, ao atribuir-lhes a responsabilidade de impedir que o desenvolvimento da cidade seja “imoral” – na medida em que privilegia alguns grupos em detrimento de outros e ao afirmar que “[a] verdadeira tarefa [do urbanista] é mais de educador do que de técnico; sua verdadeira finalidade não é criar uma cidade, mas formar um conjunto de pessoas que tenham o sentimento da cidade. E a esse sentimento confuso, fragmentado em milhares e milhões de indivíduos, dar uma forma em que cada qual possa reconhecer a si mesmo e a sua experiência da vida associada”.

um trecho da cidade de um grande número de usuários, parece-nos ser interessante na medida em que amplia a possibilidade de o projeto atender as demandas da comunidade para a qual se destina.

Em linhas gerais, o que estamos propondo, então, é procurar rastrear junto à comunidade de um determinado trecho da cidade as impressões que os indivíduos têm daquele local, as relações afetivas desenvolvidas, as lembranças particulares e compartilhadas, as referências principais e os desejos suscitados pela vivência. Evidentemente, não é nosso objetivo abarcar a totalidade de usuários, tarefa que seria praticamente impossível, mas sim estimular a participação, ampliando o número de pessoas envolvidas no processo.

A partir da organização do material levantado, poderemos dispor de um grande banco de leituras individuais sobre um determinado trecho e disponibilizá-lo para ser consultado pelos responsáveis por um eventual projeto para aquela área.

Como estratégia para a compreensão desse processo, apresentamos as suas etapas de forma simplificada no diagrama a seguir:

Na dissertação à qual o artigo faz referência são detalhadas essas várias etapas, dando ênfase aos três primeiros mecanismos: a captação das leituras individuais por um interlocutor neutro, sem vínculo com nenhum projeto; a sistematização dos dados levantados e a interpretação dessas leituras pelo mesmo interlocutor; e sua posterior representação para a disponibilização. A interpretação do que é disponibilizado e a incorporação, em maior ou menor escala, a partir da representação em projeto, podem constituir fases posteriores deste estudo, que certamente implicarão a elaboração de testes junto aos arquitetos e urbanistas.



[Figura 1]

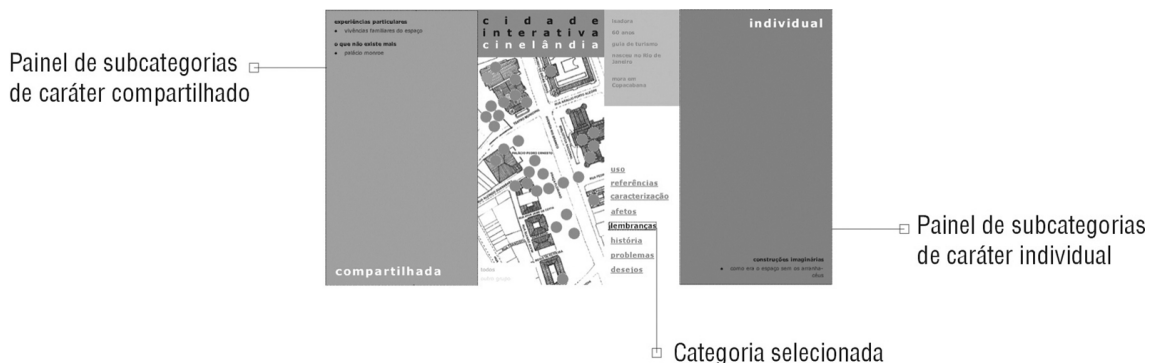


Figura 2

## 5. O protótipo da ferramenta: o site Cidade Interativa Cinelândia

A construção do protótipo utilizou como estudo de caso o espaço da Cinelândia, no Rio de Janeiro. Através das 32 entrevistas realizadas foi possível recontar a história deste local e entrar em contato com particularidades que, embora relevantes, eram desconhecidas do nosso estudo até então. Esse experimento confirmou que os pontos de vista dos usuários, geralmente não manifestos por falta de oportunidade, de meios de expressão, ou mesmo por falta de informação, também podem ser importantes fontes de informação para projetos urbanos.

Para disponibilizar as informações levantadas nas entrevistas, foi necessária a análise e a sistematização desse material através da criação de tabelas, que revelaram tanto os aspectos individuais de cada uma das leituras como também os pontos de tangência existentes entre elas.

O projeto gráfico do site procura contemplar essa dinâmica, utilizando uma planta do espaço estudado como base de toda a navegação. Nela vêem-se pequenos círculos que indicam o local onde foram realizadas as entrevistas, a partir dos quais é possível ter acesso a informações sobre cada um dos entrevistados. Ao se escolher um desses círculos, passa-se ao segundo momento do aplicativo, onde serão mostrados, do lado direito, sob o nome INDIVIDUAL, os aspectos mencionados particularmente por aquele entrevistado; e do lado esquerdo, sob o nome COMPARTILHADO, os aspectos que apresentam interseção com os pontos de vista de outros entrevistados. Escolhendo um dos tópicos do módulo INDIVIDUAL, passa-se à interface que revela trechos da fala daquele entrevistado e imagens relativas ao assunto tratado, ao passo que, escolhendo um dos tópicos do módulo COMPARTILHADO é possível ter acesso também à lista de outros entrevistados que compartilham dos mesmos pontos de vista.

## 6. Conclusão

Ao projetarmos a ferramenta como uma espécie de banco de dados que armazena informações mais subjetivas sobre o espaço urbano, estamos não só chamando a atenção para a importância desse tipo de informação, como também estamos criando um mecanismo para oferecê-las como opção junto a outros tipos de dados que servem aos projetos, como os estatísticos, e os derivados de levantamentos feitos pelos próprios arquitetos, normalmente mais relacionados aos aspectos físicos da cidade.

Acreditamos que a aplicação dessa alternativa poderia, aos poucos, incentivar o interesse dos cidadãos pelo espaço urbano e ativar uma maior reflexão nesse sentido. Quanto aos projetos urbanos, público principal para o qual a ferramenta se direciona, acreditamos que o contato com o material levantado poderia não só fornecer-lhes dados relevantes para os projetos, mas também sensibilizá-los da importância de uma atitude conciliadora que contemplasse a enorme variedade de pontos de vista, e quem sabe, propiciasse a abertura até mesmo para outros tipos de participação em projeto.

É interessante notar que o esforço de idealização das principais características da ferramenta ocorreu simultaneamente à realização do seu protótipo. Assim, transitamos todo o tempo entre a fundamentação teórica, baseada, em geral, em experiências similares anteriores, e a construção de uma nova alternativa que, ao se realizar na prática através do protótipo, dava-nos noção da dimensão, dos limites e das condições e, por outro lado, apontava para novas orientações. Apesar de bastante complexa, essa dinâmica enriqueceu o nosso estudo, na medida em que ela não só estimulou a articulação de idéias, como também fomentou a exploração de meios para tornar viável a alternativa de ferramenta que imaginamos.

## Referências

1. ARGAN, Giulio Carlo, História da arte como história da cidade, Martins Fontes, São Paulo, 1993.
2. LYNCH, Kevin, A imagem da cidade (1960), Martins Fontes, São Paulo, 1997.